

TRANSIÇÃO DO 5º PARA O 6º ANO NO ENSINO FUNDAMENTAL: PROCESSO EDUCACIONAL DE REFLEXÃO E DEBATE

PAULA, Andreia Piza de¹
PRACI, Fabiane Caetano²
SANTOS, Geslaine Galdino³
PEREIRA, Soeli de Jesus⁴
STIVAL, Maria Cristina Elias Esper⁵

RESUMO

Este trabalho tem como tema de estudo central o processo de transição dos estudantes do 5º para o 6º ano do Ensino Fundamental. Baseia-se em apresentar as contribuições da relação afetiva para o processo de aprendizagem, e justifica-se a seriedade de observar e investigar tal assunto devido às dificuldades que os alunos do 6º ano demonstram no decorrer do ano letivo. Para contrapor a esse assunto, estabelecemos como objetivos examinar como se constituiu o que hoje entendemos por ensino fundamental. Para esse estudo, além da realização de uma pesquisa bibliográfica, foi feita também uma pesquisa de campo de caráter investigativo exploratório, por meio de uma entrevista realizada em duas instituições da rede pública de ensino localizadas no bairro Campo de Santana, no município de Curitiba, Paraná. Os principais resultados que apresentamos são os motivos que direta ou indiretamente, causam desconforto emocional no estudante devido à transição do 5º para o 6º ano do ensino fundamental, que não se constituem em orientações educacionais processuais e continuadas, que encaminhem a criança e o adolescente a sucessivas aproximações a esse novo universo. Um dos aspectos, contudo, se destacou entre os demais: o estudante enfrenta sozinho essa passagem porque a mesma não é entendida como “ambiente” no processo de escolarização. Por meio da pesquisa realizada, pode-se verificar que a afetividade é imprescindível para o desempenho educacional, que tem como base o respeito mútuo, o diálogo e, sobretudo, o carinho recíproco.

Palavras-chave: Transição. 5º para o 6º ano. Ensino Fundamental.

¹ Licenciada em Pedagogia (UNIOPET, 2018). E-mail: andreiaapiza@hotmail.com

² Licenciada em Pedagogia (UNIOPET, 2018). E-mail: caetano.fabi@hotmail.com

³ Licenciada em Pedagogia (UNIOPET, 2018). E-mail: geslaineagaldino@gmail.com

⁴ Licenciada em Pedagogia (UNIOPET, 2018). E-mail: soeli.pereira@uol.com.br

⁵ Orientadora professora da UNIOPET. E-mail: crisbruna35@gmail.com

ABSTRACT

This work has as a central study the transition process of students from the 5th to the 6th year of Elementary School. It is based on presenting the contributions of the affective relation to the learning process, and it is justified the seriousness of observing and investigating this subject due to the difficulties that students of the 6th year demonstrate during the school year. To counteract this, we set as objectives to examine how we constituted what we now understand as elementary education. For this study, in addition to conducting a bibliographical research, an exploratory field research was also carried out, through an interview conducted in two public school institutions located in the Campo de Santana neighborhood, in the city of Curitiba, Paraná. The main results that we present are the reasons that directly or indirectly cause emotional discomfort in the student due to the transition from the 5th to the 6th year of elementary education, which do not constitute procedural and continuous educational guidelines that refer the child and the adolescent to successive approximations to this new universe. One of the aspects, however, stood out among the others: the student faces this passage alone because it is not understood as an "environment" in the schooling process. Through the research, it can be verified that affectivity is essential for educational performance, which is based on mutual respect, dialogue and, above all, reciprocal affection.

Keywords: Transition. 5th to the 6th year. Elementary School.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivos: analisar as reações oriundas do processo transitório no aprendizado e no comportamento afetivo dos estudantes; observar as ações pedagógicas realizadas para conduzir o processo de transição. Portanto, de forma específica pode-se compreender as alterações comportamentais dos estudantes que passam pela transição do 5º para o 6º ano, bem como, analisar os impactos de aprendizagem instituídos durante a transição, a fim de entender as incumbências dos professores e pedagogos atuantes neste processo transitório.

Ao remete ao universo educacional, ao trabalhar para que esse processo não seja traumático, especialmente quando o estudante adolescente. A trajetória acadêmica do estudante num período na escola, e esse processo deve proporcionar um crescimento gradativo de forma que amadureça, caso contrário, cada mudança em seu aprendizado será impactado no desenvolvimento cognitivo, assim como sua maneira de relacionar-se e integrar-se socialmente.

Por observar informalmente o comportamento, as dificuldades e as expectativas dos estudantes que passam pelo processo de transição do 5º para o 6º ano no ensino fundamental, surgiu a intenção de pesquisar este momento e explorar a percepção de professores, pedagogos e estudantes sobre esse processo, assim como compreender as dificuldades encontradas para que a transição entre as etapas do ensino fundamental aconteça de maneira natural e sem riscos para o futuro educacional do estudante.

A principal justificativa sobre a pesquisa é o processo de inovação e o desafio de estudar e compreender o estudante na passagem dos primeiros 5 (cinco) anos da educação básica para o 6º ano do ensino fundamental, momento ímpar também por ser um momento de mudança no seu desenvolvimento da infância para a adolescência, ocorrendo alterações físicas, biológicas, cognitivas e emocionais. Este fato torna ainda mais relevante a necessidade de compreender e atender as especificidades dos estudantes e dos profissionais de educação que se envolvem neste momento tão significativo e importante da vida escolar do mesmo. Portanto, abordar o tema de transição escolar do 5º para o 6º ano no ensino fundamental torna-se relevante a fim de colaborar com possíveis soluções para tramitar a transição escolar.

Logo, a transição do 5º para o 6º ano aparenta ser tranquila, porém, existem estudantes que sofrem calados com as modificações que lhes são impostas sem receber um apoio condizente com o tamanho do problema que está sendo enfrentado, pois na visão de familiares, colegas e professores não é tão relevante assim. A modificação na rotina, as alterações no humor, a separação de determinados grupos de amigos e a rotatividade de professores, entre outros fatores, acabam tornando o processo de transição turbulentos e

cercado de conflitos, tanto para os estudantes como para os profissionais da educação que acompanham este processo transitório. Quais as dificuldades enfrentadas pelos profissionais da educação no processo de transição do 5º para o 6º ano do ensino fundamental?

A metodologia adotada foi construída a partir de levantamento bibliográfico do arcabouço teórico pertinente à temática. A trajetória como um estudo de caso de abordagem qualitativa, sendo de caráter exploratório, tem o propósito de analisar e observar o comportamento e as expectativas criadas pelos estudantes do 5º e do 6º anos antes e após ingressar na segunda etapa do ensino fundamental. Foram entrevistados dois pedagogos, um responsável pelo 5º ano e outro pelo 6º ano, que acompanham o processo de transição escolar em duas instituições da rede pública de ensino localizadas no bairro Campo de Santana, no município de Curitiba, Paraná.

A organização deste trabalho foi sistematizada de maneira gradativa e processual, inicialmente ao abordar o sistema de ensino, sob o recorte histórico e trazendo presente contextualização sobre as modificações no sistema de ensino até o momento da transição e as implicações pedagógicas que acompanham a transição do 5º para o 6º ano do ensino fundamental. No ponto seguinte, detalha a relevância que o professor e a família exercem no processo de transição, especificamente quando assumem o papel protagônico do acompanhamento pedagógico, que auxilia e facilita a mudança de ambiente escolar durante a transição.

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA SOBRE AS MODIFICAÇÕES NO SISTEMA DE ENSINO ATÉ O MOMENTO DA TRANSIÇÃO

O breve resgate histórico da educação nacional, a seguir, apresenta em destaque as alterações na legislação que conduziram a educação e seus processos transitórios até o presente momento. Como caracterizam Cainelli e Oliveira (2013, p. 5):

A relação entre os anos iniciais e os anos finais do ensino fundamental constitui-se a partir da diferenciação entre ambos desde a Lei de criação das escolas das primeiras letras, em 1827, a implantação da escola primária, em 1854 e o exame de admissão para acesso ao ginásio, nas décadas de 1930 e 1940. Somente em 1971, por força de lei, institui-se o ensino de primeiro da junção do ensino primário de ginásial e, em 1996, passou a ser denominado de ensino fundamental. Em 2004, a mais recente modificação, mas não a última: o ensino fundamental de nove anos.

Ainda segundo estas autoras (2013, p. 5):

Os trinta e nove anos decorrentes desde 1971 não foram suficientes para se estabelecer uma unidade entre esses segmentos de ensino, tanto que “criamos” terminologias para falar sobre algo inexistente em lei: anos iniciais e anos finais; fase I, fase II do ensino fundamental. Outras características adensam a diferença entre os mesmos, dentre as quais destacamos duas: a formação de professores em cursos específicos que não estabelecem diálogos entre si e, no caso do estado do Paraná, a gestão diferenciada dos anos iniciais que cabe às prefeituras, e dos anos finais ao Estado.

As modalidades com que podem se apresentar, a partir das quais os sistemas federal, estaduais, distritais e municipais, por suas competências próprias e complementares, formularão as suas orientações, no sentido de assegurar a integração curricular das três etapas desse nível da escolarização. Portanto, contribuindo para a formulação de princípios de uma diretriz curricular que vise à formação humana de sujeitos concretos, inseridos em determinado contexto histórico, meio ambiente e sociocultural, com respeito as suas condições físicas, emocionais e intelectuais. Para isso, o documento explicita:

Esse conjunto de compromissos prevê também a defesa da paz; a autodeterminação dos povos; a prevalência dos direitos humanos; o repúdio ao preconceito, à violência e ao terrorismo; e o equilíbrio do meio ambiente, bem de uso comum do povo e essencial à qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para a presente e as futuras gerações. (BRASIL, 2010, p 11).

As Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica, do Conselho Nacional de Educação, de 2013, distinguem também o assunto

relacionado à transição entre as fases do ensino fundamental, quando tratam do Projeto Político-Pedagógico. Nesse ponto, sobressai, no texto específico sobre as articulações do ensino fundamental, a continuidade da trajetória escolar dos estudantes e os desafios característicos que se tornam salientes nesta questão.

Quando a transição se dá entre instituições diferentes, essa articulação deve ser especialmente cuidadosa, garantida por instrumentos de registro – portfólios, relatórios que permitam, aos docentes do Ensino Fundamental de uma outra escola, conhecer os processos de desenvolvimento e aprendizagem vivenciados pela criança na Educação Infantil da escola anterior. Mesmo no interior do Ensino Fundamental, há de se cuidar da fluência da transição da fase dos anos iniciais para a fase dos anos finais, quando a criança passa a ter diversos docentes, que conduzem diferentes componentes e atividades, tornando-se mais complexas a sistemática de estudos e a relação com os professores.(BRASIL, 2013, p. 120, apud PARANÁ, 2015, p. 13).

No entanto, mesmo com alterações na legislação no decorrer dos últimos anos, ainda não se observou grandes avanços quanto aos aspectos pedagógicos da transição do 5º para o 6º ano no ensino público.

AS IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS QUE ACOMPANHAM A TRANSIÇÃO

A etapa inicial do ensino fundamental deveria ocorrer de acordo com a legislação vigente, a responsabilidade desenvolvendo positivamente a autonomia do estudante, como pode também despertar o medo de encarar um novo desafio, fazendo com que a autonomia adquirida seja utilizada de maneira irresponsável, desencadeando as devidas implicações pedagógicas. O referencial teórico abordará outras opiniões que divergem e condizem com a citada acima e comentará as possíveis alterações comportamentais causadas pela alteração na rotina que antecede e sucede a transição do 5º para o 6º ano no ensino fundamental.

Valdir Heitor Barzotto (2013) acredita que os alunos lidam com questões bem mais complexas, como a separação dos pais, a morte de um parente ou amigo e que a ênfase que se dá às passagens de séries é desnecessária. As mudanças ocorrem, mas acha que não se deve enfatizar isso, e sim fazer com que o estudante perceba a escolarização. O caminho proposto pelo profissional é agir com naturalidade, sem abordar o assunto o tempo todo e focar apenas nos casos atípicos, ou seja, aqueles que derem sinais de não adaptação.

Barzotto (2013) comprehende que o aluno está encarando a situação naturalmente, sem se dar conta da transição, porém, se alguém enfatiza para ele que agora terá um problema, isso sim pode desencadear uma alteração, porque aquele aluno, que até então estava tranquilo, pode reagir imediatamente ao “problema” apresentado.

Quando se trata da transição do 5º para o 6º ano no ensino fundamental, normalmente os estudantes são avisados diariamente por seu professor regente do 5º ano que terão vários professores no 6º ano, que cada aula terá a duração de 50 minutos, que no momento são os maiores, mas na outra escola serão os menores, enfim, mesmo que de forma inconsciente, uma intervenção negativa por parte do educador pode desencadear uma aversão à nova etapa escolar que será iniciada na outra escola. Observa-se uma dualidade pedagógica, visto que os estudantes egressos dos anos iniciais estão familiarizados com uma organização escolar diferente a dos anos finais, como o tempo de duração das aulas, as metodologias, a diversidade de professores e a tratativa por parte da instituição. Em contrapartida, os professores e instituições de ensino manifestam dificuldades em trabalhar com essas especificidades de tempo e espaço de aprendizagem decorrentes da faixa etária dos estudantes, seja pela formação ou mesmo pela organização do espaço escolar.

Percebe-se que para estudantes e familiares que já passaram, estão passando ou passarão pela transição do ensino fundamental I para o fundamental II, o sentimento revelado é de medo dos novos professores, das novas disciplinas, da quantidade de trabalhos e provas. Os estudantes se sentem acuados e acabam adquirindo um estresse antecipatório, a maioria se

evade de escolas relativamente pequenas e acabam ingressando em escolas de porte maior, onde o ensino médio também já está inserido. Para estudantes de 10 a 11 anos, esta mudança pode causar medo, mas também causar um sentimento de independência, onde tudo será possível.

O conflito vivenciado pelo aluno interfere notoriamente não só no desenvolvimento da inteligência (processo de assimilação e acomodação), bem como nos aspectos da personalidade (estruturais e dinâmicos). (GUSMÃO, 2001, p. 100).

Permitir que esse momento de transição ocorra com tranquilidade e equilíbrio para não exceder ou faltar confiança no aluno certamente renderá atitudes positivas no enfrentamento do novo meio social em que ele estará inserido. Se levar tudo na brincadeira, o excesso de confiança permitirá que seu comportamento ultrapasse os limites, quebre regras e as consequências serão catastróficas. Além de problemas comportamentais, o rendimento escolar acompanhará o ritmo das suas atitudes errôneas e contornar ou resgatar esse aluno antes da sua desistência se tornará um desafio desgastante. Por outro lado, se tudo for levado a sério, com imposições e ameaças por parte do professor que rege o 5º ano, o problema será de mesma proporção ou maior que o excesso de confiança, e o pouco caso com a nova rotina ocorrerá nesta situação, além da falta de confiança, do medo de não dar conta do conteúdo, do bloqueio social e, consequentemente, ocasionando baixo rendimento em sala de aula que pode resultar em evasão escolar.

Tanto um quanto outro tipo de comportamento preocupa e precisa de acompanhamento. O ideal é optar pela prevenção, ou seja, elaborar estratégias para que os conflitos e as novidades sejam administrados com interferência e eficácia para o desgaste mínimo dos estudantes. Sendo assim, tanto o desenvolvimento escolar quanto o desenvolvimento voltado aos aspectos da personalidade deles serão preservados e permanecerão em ascensão no que se refere à alteração da rotina escolar, não isentando de outros fatores a que todos eles estão sujeitos no decorrer da vida, porém, garantindo acesso à educação e à formação.

A autora Pinto (2001, p. 3) destaca a importância da afetividade: “A afetividade intervém nas operações da inteligência, estimulando-as ou

perturbando-as, podendo comprometer o desenvolvimento intelectual. Os mecanismos afetivos e cognitivos permanecem indissociáveis, embora distintos, na medida em que os primeiros dependem de uma energética, e os segundos de estruturas". Neste sentido, o bem-estar social é fundamental no processo de formação e maturação do indivíduo, a escola é um dos ambientes mais propícios e marcantes para socializar e integrar grupos com os quais haja identificação mútua. Sendo assim, no processo de transição escolar, percebe-se que os amigos se dispersam e o novo ambiente não proporciona um acolhimento e uma identificação imediata.

Sentir-se bem em meio a um novo grupo torna-se objetivo de conquista, ou seja, a fase estável de convívio social foi interrompida, dando espaço a uma nova etapa, cercada de desafios e possibilidades para ser aceito e aceitar as novas condições. Portanto, com tais opiniões e tantas alterações de rotina, não tem como concordar que o processo transitório é algo que não mereça cuidado e acompanhamento pedagógico incisivo. Além de todos os fatores que envolvem a transição do 5º para o 6º ano mencionados até aqui, um fator primordial não pode passar despercebido, e esse fator recebe o nome de adolescência. Na perspectiva de Freire:

[...] afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade. (FREIRE, 2011, p. 138).

A afetividade citada por Freire aponta todo um trabalho que o professor desenvolverá com o estudante, onde a afetividade terá um papel fundamental no desenvolvimento e no progresso do mesmo; as leis que tratam o ensino são de extrema importância, porém, as instituições devem interpretá-las de maneira humanizada, permitindo que as manifestações afetivas sigam para o novo desafio que será enfrentado pelo estudante, contribuindo para a sua integração no novo ambiente escolar e na nova etapa de aprendizados. O ser humano é regido por emoções, e essas emoções se manifestam o tempo todo, portanto, as relações afetivas entre professor/estudante influenciam o desenvolvimento

da aprendizagem do mesmo. Quando essa proximidade entre educador e estudante acontece, a transição não afetaseu crescimento educacional, canalizando a afetividade a favor do conhecimento.

Scandelari (2008) também considera que os estudantes do 5º ano precisam de um tratamento diferenciado e procura sensibilizar e alertar os educadores quanto às particularidades do desenvolvimento social e afetivo dos estudantes nessa faixa etária. Ela percebe que é indispensável promover uma reflexão constante entre os professores para que avaliem seus métodos pedagógicos e também se estão mais próximos da realidade, da faixa etária e das mudanças que muitas vezes intervêm na obtenção dos conhecimentos. Ressalta-se, de um modo geral, que os desarranjos ocorrem quando os estudantes deixam os professores generalistas do ensino fundamental I e passam a trabalhar com os professores especialistas do ensino fundamental II. E é nessa passagem que podem ser descobertos os motivos para a queda no rendimento escolar, a indisciplina e o desinteresse. Scandelari (2008) aconselha que o desenvolvimento e o conhecimento dessas crianças e jovens podem afetar a participação na vida social e que o professor tem o dever e o objetivo de realizar um trabalho em conjunto com sua equipe pedagógica para cumprir responsabilidades sociais, possibilitando aos estudantes o domínio dos conhecimentos culturais e científicos.

Caminhando junto com a transição escolar, a transição da infância para a adolescência também acontece e traz com ela modificações significativas que contribuem para a turbulência vivida pelo aluno. Esta fase é de descobertas e muitos sentem dificuldades para lidar com tantos sentimentos e mudanças. O adolescente vive a fase de oposição ao que representa a infância, ao mesmo tempo em que apresenta inúmeros sinais e clamores pelo colo perdido. Nesta etapa especial vivida pelo estudante, dosar palavras e atitudes, acompanhar e atentar para alterações comportamentais, acaba prevenindo conflitos e estabelece um fluxo natural no processo de transição do 5º para o 6º ano. Pode parecer fácil, simples e corriqueira, porém, agregada a tantos outros possíveis problemas, essa fase torna-se um divisor de águas na vida estudantil do mesmo, podendo tanto impulsioná-lo rumo ao sucesso como interromper sua jornada e estacionar sua vida escolar.

A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR E DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE TRANSIÇÃO: UM ACOMPANHAMENTO PEDAGÓGICO QUE AUXILIA E FACILITA A MUDANÇA DE AMBIENTE ESCOLAR DURANTE A TRANSIÇÃO

A transição deve ser observada como processo educativo e que faz parte do desenvolvimento do estudante da educação básica. Portanto, pois, esse momento traz o desafio de enfrentar o novo, no qual se faz necessário o apoio do professor, da escola e da família para que esse aluno possa passar por essa transição de forma que seu crescimento educacional não seja comprometido.

O professor nesse primeiro momento deve incentivar esse aluno ao diálogo com os outros amigos, onde poderão compartilhar experiências vividas até o momento. É o espaço no qual o estudante precisará desenvolver sua autonomia em busca de maturidade.

No mundo das divisões do conhecimento, das especificidades que possibilitam e, frequentemente, proporcionam a perda da totalidade, busca-se, cada vez mais, a unidade, a interdisciplinaridade, não como forma de pensamento unidimensional, mas como uma apreensão crítica das diversas dimensões da mesma realidade. (GASPARIN, 2005, p. 3).

A interdisciplinaridade auxilia no entendimento das disciplinas, ajudando na transição dessa vivência, fazendo o aluno compreender que as matérias têm relação uma com a outra, o professor é mediador do conhecimento, e as Diretrizes e Bases da Educação Básica dizem que:

O fato de se identificarem condicionamentos históricos e culturais presentes no formato disciplinar de nosso sistema educativo não impede a perspectiva interdisciplinar. Tal perspectiva se constitui, também, como concepção crítica de educação e, portanto, está necessariamente condicionada ao formato disciplinar, ou seja, à forma como o conhecimento é produzido, selecionado, difundido e apropriado em áreas que dialogam, mas que constituem-se em suas especificidades. (BRASIL, 2013, p. 22).

Esta transição deve ser monitorada e acompanhada de ações pedagógicas que envolvam os profissionais e os alunos no processo transitório de maneira saudável e natural, projetos devem ser elaborados e executados em conjunto pelas unidades que estão envolvidas nesta fase vivida pelo aluno. Vale ressaltar que todo profissional bem treinado e acompanhado por uma equipe pedagógica bem estruturada tem seu desempenho com melhor eficácia, fazendo com que esse processo de transição não seja um problema, e sim só mais uma fase que o aluno precisa passar.

O foco é resgatar a importância do papel do professor e o da família no processo de transição, mostrando os desafios, as experiências e os desenvolvimentos enfrentados pelo aluno, distinguindo o impacto desse desempenho alcançado por ele e a qualidade do seu relacionamento com a família, com os colegas e com o professor que, nesse momento, prognosticam sua evolução escolar nos anos subsequentes, tanto em termos de aprendizagem como de adequação. Segundo a técnica pedagógica Oivete de Lucia Chioqueta Mesomo:

E nessa missão, de tornar a transição menos traumática, os pais têm papel fundamental. Não é porque o filho deixou a rede municipal, que não necessita de supervisão e acompanhamento. O aluno do 6º ano ainda é muito novo, tem no máximo 12 anos – porém, devido à mudança dos nove anos do ensino fundamental, muitos completam dez na rede estadual – e não podem ser “largados” pela família. “Lógico, as responsabilidades aumentam, e eles têm de andar sozinhos, mas o fracasso do aluno ocorre muitas vezes pela falta de comprometimento dos pais neste momento de transição”. (MESOMO, 2013)

Concordando com a técnica pedagógica, ressaltamos a importância e a indispensável supervisão e acompanhamento dos pais (responsáveis/família) não só no processo de transição, mas sim no decorrer do desenvolvimento de cada fase do aluno. A entrada do aluno em um novo microssistema, ampliando o mesossistema, é denominada como transição ecológica: “Ocorre uma transição ecológica sempre que a posição da pessoa no meio ambiente ecológico é alterada em resultado de uma mudança de papel, ambiente ou ambos”. (BRONFENBRENNER, 1996, p. 22). Toda transição ecológica propicia ações de desenvolvimento e é mais eficaz e benéfica na medida em que o

aluno se sente amparado por pessoas que são significativas para ele; por esse motivo, vale ressaltar a importância das pessoas que a rodeiam. O acesso ao ensino fundamental é um exemplo característico de transição ecológica. A 1^a série desse ensino traz demandas e várias novidades para os alunos, tais como aprender a lidar com um novo ambiente, relacionar-se com adultos ainda desconhecidos, conquistar aceitação e consentimento em um novo grupo de semelhantes e enfrentar demandas estabelecidas pela escola que serão mais desafiadoras.

Para Tiba (1996), quem sabe fazer, aprendeu fazendo, se o filho sabe estudar, aprendeu estudando, ninguém pode estudar por ele, conhecimento cada um constrói o seu, não se ganha pronto, os pais devem acompanhar e orientar seus filhos nesta transição, porém, é necessário deixar que criem autonomia e aprendam a se organizar. Assim como aprendem facilmente utilizar um aparelho eletrônico ou realizar qualquer outra atividade que lhe traga satisfação, com os estudos não deve ser diferente, é preciso incentivar, orientar sobre como se organizar, mas não dá para fazer por ele, ele precisa aprender fazendo.

İçami Tiba (2005) diz também que quando a escola, o pai e a mãe usam a mesma linguagem e têm valores semelhantes, demonstram uma segurança e coerência extremamente favoráveis ao seu desenvolvimento; ao mesmo tempo, a escola assume para a criança um lugar de aliada, como mais uma interessada em seu bem-estar. Se caminharem juntos, obterão um resultado melhor e saberão lidar com as dificuldades que surgirão, ressaltando que no processo de transição os alunos passarão do processo de dependentes e criaram sua própria autonomia e independência.

Nesse processo, eles enfrentarão alguns obstáculos e dificuldades porque ainda estão acostumados com a rotina, mas essa responsabilidade maior vai surgir exatamente junto ao processo de transição, quando os professores definirem um padrão de rotinas quanto às tarefas, à lição de casa, aos trabalhos, à metodologia da aula, às avaliações, às regras e aos acordos, além de clareza no estabelecimento das consequências para a quebra das regras e dos acordos. Por este motivo, os pais/familiares devem estar

preparados e manter comunicação ativa com o ambiente escolar para que essa mudança ocorra da melhor maneira possível.

RESULTADOS OBTIDOS

Para compreender a realidade vivenciada por profissionais atuantes no processo transitório do 5º para o 6º ano no Ensino Fundamental, uma entrevista foi realizada com dois pedagogos de duas escolas. Um pedagogo atua na rede Municipal e outro na rede Estadual. Os dois foram questionados sobre mediarem a comunicação entre pais, responsáveis, alunos e professores. Como faz parte de suas funções, como o pedagogo atua como profissional atuante no processo transitório? Como as dificuldades são trabalhadas pelo coletivo da escola? Para finalizar, foi questionado se existe um projeto na unidade escolar que atenda este processo de transição?

O Pedagogo da **Escola Municipal** aponta que não tem como medir essas questões esse ano. Ainda disse que não são sentidas muito no 5º ano, que acredita serem mais percebidas no 6º ano, quando já estão no ambiente do estado, pois durante o 5º ano normalmente pensam que tudo ocorrerá muito bem e criam uma expectativa positiva sobre a nova fase; só desencadeiam e demonstram dificuldades depois que a empolgação passa e se percebem no âmbito estadual. Segundo o pedagogo da Escola Municipal, existe um projeto de parceria Estado x Curitiba. A ideia é que alguns estudantes de 5º anos vão até a escola do Estado e visitem a mesma. A proposta foi que alguns estudantes representantes do Estado fossem até a escola da rede municipal de ensino e respondessem algumas perguntas dos estudantes dos 5º anos. No entanto, foi feita a seguinte reflexão: apresenta-se certo descompromisso com essa questão, pois a mesma não entende que um processo pedagógico de transição é responsabilidade da rede municipal e estadual de ensino de forma coletiva.

Já o Pedagogo do **Colégio Estadual** respondeu que procura sensibilizar a família por meio de conversas, usando todos os meios disponíveis sobre a

responsabilidade e a importância da transição no processo de ensino e aprendizagem. Disse que caso todas as tentativas sejam insuficientes, se faz necessário comunicar o Conselho Tutelar para que providências cabíveis e legais sejam tomadas. Esse pedagogo falou que as dificuldades são percebidas por meio de conversas com esses novos alunos pelo setor pedagógico e que estão principalmente nos objetivos propostos no currículo escolar, na organização do trabalho pedagógico e no espaço e tempo escolar, assim como na relação professor(a)/estudante.

Ressaltou que o estudante, na transição dos anos iniciais para os anos finais do ensino fundamental, encontra-se também em um momento de transição no seu desenvolvimento entre a infância e a adolescência, ocorrendo mudanças biológicas, cognitivas e emocionais. Portanto, para que esta transição não seja tão drástica para o estudante, toda comunidade escolar precisa estar envolvida no processo educacional, especialmente a família e/ou responsáveis. Já segundo a resposta do Pedagogo do Estado, não existe um projeto na unidade que atenda os estudantes que estão chegando aos anos finais do ensino fundamental, porém descreveu detalhadamente as ações realizadas para o processo de transição dos alunos do 5º para o 6º ano referente ao ano letivo de 2017. Segundo ele, antecipadamente foi fixada no pátio a lista com o nome dos alunos e suas respectivas turmas. No dia, pais e estudantes foram recepcionados pelas equipes diretiva e pedagógica e pelos professores. Cada professor ficou com uma “plaquinha” indicando uma turma, para que esses se localizassem. Em seguida, todos foram para a quadra poliesportiva, onde houve um ceremonial com hino nacional e apresentação individual das equipes diretiva e pedagógica e dos professores.

O diretor falou um pouco sobre o Colégio e orientou sobre normas. Finalizou dizendo o quanto a equipe escolar estava satisfeita e feliz com a chegada dos novos alunos. Na sequência, alunos e pais foram encaminhados para suas respectivas salas, acompanhados de um professor e, após rápida conversa, pais e alunos foram convidados a conhecer os espaços do Colégio. Neste sentido, percebe-se o comprometimento profissional e da equipe como um todo, articulado ao compromisso de um projeto escolar que acredita numa efetiva adaptação da criança e do adolescente que vêm do município, ou seja,

neste ponto verificam-se os traços de uma possível proposta de ações pedagógicas ativas para deixar o processo de transição positivo para o desenvolvimento do adolescente.

CONCLUSÃO

A pesquisa analisa a transição do 5º para o 6º ano, por que traz tanto medo nos estudantes, agonia, tristeza, estresse e vários transtornos, e como tudo isso interfere no processo da educação e ensino. Conclui-se que as mudanças do 5º para o 6º ano estão presentes nas finalidades, nos métodos, na didática e também no relacionamento professor/aluno, o que coopera com a transição do ensino fundamental dos anos iniciais para os finais. De acordo com a história, esses planos de educação possuem propriedades distintas e essas características são apreendidas até os nossos dias.

Com o começo do sexto ano ou transição para ensino fundamental anos finais, os estudantes irão conhecer novos colegas e professores que serão todos regentes de suas disciplinas, mudar de escola, de ambiente, de sala, enfim, serão muitas as mudanças. Acreditamos que um dos maiores problemas para os alunos nessa fase é a disposição necessária para lidar com a ampliação do número de professores e da grade curricular, das lições de casa, trabalhos, provas e também com a ampliação da quantidade de matérias a serem estudadas. Neste momento da transição, verificamos que os estudantes não estão muito preparados para essas modificações e que os professores e as instituições também não estão prontos para fazer a transição e também para receber esses alunos. No 6º ano surgem muitas novidades e cobranças para os estudantes, em um período bastante turbulento que é visto sem muito tato pedagógico por parte dos professores e da escola. Também a falta de vínculo afetivo entre professor/aluno é outro assunto aparente no cotidiano escolar no 6º ano, onde o aluno se descobre em um novo momento e ambiente e precisa adaptar-se.

Ao concluir, fica claro que ainda há muito o que ser feito para que a transição do 5º para o 6º ano aconteça de maneira que se priorizem as

indigências dos alunos desta fase e o processo de ensino-aprendizagem e desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mariza. **Investigação sobre a transição dos alunos do ensino fundamental I para o ensino fundamental II.** In: ENCONTRO ANUAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 19., Guarapuava, 2010. Trabalho apresentado.

BARZOTTO, Valdir Heitor. Fases de transição escolar: saiba como orientar seus filhos. **Em Dia Revista**, 2013. São Paulo. Disponível em: <<http://www.revistaemdia.com.br/net/fases-de-transicao-escolar-saiba-como-orientar-seus-filhos/>>. Acesso em: 01 maio 2017.

BOCK, Ana Mercês Bahia. (Org.). **Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia.** São Paulo: Saraiva, 2002.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica/Secretaria de Educação Continuada/Diretoria de Currículos e Educação Integral. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica.** Brasília: MEC, 2013.

BRASIL, Portal. **Educação:** evasão escolar cai em todas as etapas de ensino. 2017. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/educacao/2017/06/evasao-escolar-cai-em-todas-as-etapas-de-ensino>>. Portal Brasil. Acesso em 06 set. 2017.

BRONFENBRENNER, Uri. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados.** Trad. M. A. Veríssimo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. (Original publicado em 1979).

CAINELLI, Marlene Rosa; OLIVEIRA, Sandra Regina. **Se está no livro de história é verdade:** as ideias dos alunos sobre os manuais escolares de História no Ensino fundamental. 2013. Disponível em: <<http://www.rieoi.org/deloslectores/4383Cainelli.pdf>>. Acesso em: 22 maio 2017.

CAJADO, Octavio Mendes. **Dinâmica da adolescência.** 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1968.

FERREIRA, Berta Weil. A teoria de Jean Piaget. In: FERREIRA, B. W. **O cotidiano do adolescente**. Petrópolis: Vozes, 1995. p.116-123

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra S/A., 2011.

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 3. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

GRILLO, Marlene C. O professor e a docência. In: ENRICONE, Délcia (Org.). **Ser Professor**. Porto Alegre. EDIPUCRS, 2001.

GUSMÃO, Bianca Baraúna. **Dificuldade de aprendizagem**: um olhar crítico sobre os alunos de 5^a série. 2001. 43 f. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade da Amazônia, 2001. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/164190200/DIFICULDADE-APRENDIZAGEM-Um-olhar-critico-sobre-os-alunos-de-5-serie>>. Acesso em: 16 abr. 2017.

JONES, Frances. **Ações de integração para ajudar os alunos na transição do 5º para o 6º ano**: a passagem dos alunos do Ensino Fundamental 1 para o 2 traz desafios e merece uma atenção especial da equipe gestora. 2011. Disponível em: <<https://gestaoescolar.org.br/conteudo/445/acoes-de-integracao-para-ajudar-os-alunos-na-transicao-do-5-para-o-6-ano>>. Acesso em: 22 maio 2017.

NOVAES, Maria Helena. **Psicologia escolar**. Rio de Janeiro: Vozes, 1970. p. 163-178.

NUNES, Clarice. O velho e bom ensino secundário: momentos decisivos. **Revista Brasileira de Educação**, n.14, p. 35-60, maio-ago. 2000.

PARANÁ. Governo do Estado do Paraná. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica - História**. 2008. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/119063774/Diretrizes-Curriculares-Estaduais-do-Parana-para-a-Educacao-Basica-HISTORIA>>. Acesso em: 16 abr. 2017.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **A transição do aluno do 5º ano para o 6º ano do ensino fundamental:** articulações para superação das dificuldades de adaptação e aprendizado. 2013. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uepn_ped_pdp_leide_rozani_gaioto_lameu.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2017.

PARANÁ. **A transição dos alunos do quinto para o sexto ano do ensino fundamental:** possibilidades e contribuições durante a transição por meio de um processo de ensino e Aprendizagem significativa. 2014. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unicentro_ped_artigo_izanira_gaspar_da_silva.pdf>. Acesso em 15 abr. 2017.

PARANÁ. **Ensino Fundamental.** Proposições para a transição do 5º ano para 6º ano no município de Curitiba. 2015. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/ens_fun_transicao_5ano_6ano.pdf>. Acesso em 01 mai. 2017.

PINTO, Celeida B. G. C. **O processo de construção do conhecimento permeado pelas relações interpessoais professor-aluno.** 2001. Disponível em: <<http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/MARIZA%20ANDRADE.pdf>>. Acesso em: 01 maio 2017.

SCANDELARI, M. N. **Reflexões em torno do processo da passagem dos alunos da 4ª para a 5ª série do ensino fundamental.** Produção Didático – Pedagógica Unidade Temática, Universidade Federal do Paraná, 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1754-8.pdf>>. Acesso em 01 maio 2017.

SOUZA, R. F. de. **História da organização do trabalho escolar e do currículo do Século XX.** São Paulo: Cortez, 2008. (Col. Biblioteca Básica da História da Educação Brasileira).

SILVA, Maria Helena Galvão Frem Dias da. **Passagem Sem Rito:** as 5ª séries e seus professores. Campinas SP: Editora Papirus, 1997.

TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa.** 1. ed. São Paulo: Gente 1996.

TIBA, Içami. **Adolescentes**: quem ama, educa! 37. ed. São Paulo: Integrare, 2005.

TOMASI, Cristiane Sabadin. **Transição do 5º para o 6º ano é desafio para alunos e professores**. Disponível em: <<https://www.diariodosudoeste.com.br/noticia/transicao-do-5o-para-o-6o-ano-e-desafio-para-alunos-e-professores>>. Acesso em: 23 maio 2017.

WALLON, Henri. **Objetivos e métodos da psicologia**. Lisboa: Estampa. 1975.

WALLON, Henri. **As origens do caráter na criança**. São Paulo: Nova Alexandria, 1995.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.